



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Identidade e afro- brasilidade em *becos da memória de Conceição* Evaristo

Identity and african- brazility in *becos da memória by Conceição* Evaristo

Eduardo Souza Ponce

Mestrando bolsista Capes do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina. Londrina. Paraná. Brasil. duds_ponce89@hotmail.com

Maria Carolina de Godoy

Mestrado em Letras e Doutorado em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Estadual de Londrina e pesquisadora associada à UFRJ. Coordenadora do projeto de pesquisa "Literatura afro-brasileira e a sua divulgação em rede", financiado pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e pela Fundação Araucária -, e vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Londrina. Paraná. Brasil. E-mail: mcdegodoy@uol.com

Resumo:

Partindo do interesse de estudo da prosa de Conceição Evaristo, o presente artigo objetiva, ao analisar o romance *Becos da Memória*, publicado originalmente em 2006, identificar de que forma os denominadores comuns da literatura afro-brasileira, conforme organizados por Eduardo de Assis Duarte (2011), manifestam-se na prosa da autora mineira e de que forma eles estão entrelaçados às especificidades de sua escrita. O romance, ao narrar o processo de desconstrução de uma favela na metrópole contemporânea, narra as vivências das mais diversas personagens, tendo como centro da narrativa Maria-Nova, personagem responsável por ouvir histórias e por comprometer-se a compartilhá-las. Ao afastar-se de estereótipos e exotismos, a autora faz de sua obra espaço de problematização da realidade dessa parcela da população e apresenta uma nova identidade negra no texto literário. Sendo assim, buscar-se-á, ao pensar no modo pelo qual a autora relaciona memória à identidade, compreender como a “escrevivência”, traço característico da escrita de Conceição Evaristo e responsável por estabelecer a convergência entre a escrita e a vivência individual e coletiva, revela-se estratégia responsável por alinhar a voz autoral e o ponto de vista, elementos constituintes da literatura afro-brasileira, à problematização da identidade negra na tessitura da obra literária.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; narrativa; identidade.

Abstract:

Motivated by the interest in studies about Conceição Evaristo's writing style, the present article aims, by analyzing the novel *Becos da Memória* (Memory Alleys), originally published in 2006, to identify in which way the recurrent afro-brazilian literary features, as organized by Eduardo de Assis Duarte (2011), show themselves in the Minas Gerais author, and also how they are tied to the specificity of her writing. The novel, as it follows the

deconstruction of a slum in a contemporary metropolis, narrates experiences lived by a number of diverse characters, while centering on Maria-Nova, the character responsible for listening to stories and who compromised to share them. By driving away from stereotypes and exoticisms, the author makes her work a place to bring into question the daily reality of that part of the population, while also presenting a new identity for black people in literary space. Therefore, through perceiving how the author relates memory and identity, this article intends to comprehend how the experience-writing, a notorious feature of Conceição Evaristo's style responsible for converging the individual and collective experiences and the written story, reveals the strategy behind intertwining the author's voice and perspective – structural elements in afro-brazilian literature – and the questioning of black identity within the thread of literary work.

Keywords: African-brazilian literature; narrative; identity

Introdução

O presente estudo objetiva, partindo dos pressupostos teóricos acerca da literatura afro-brasileira organizados por Eduardo de Assis Duarte¹, verificar de que forma a autora agrega a voz autoral, o ponto de vista e a temática relacionadas à identidade afrodescendente na obra literária. Ao buscar a identificação desses denominadores em *Becos da memória*², a presente pesquisa visa contemplar, tanto no campo da forma quanto no plano do conteúdo, as marcas autorais de Conceição Evaristo. Tendo por interesse compreender como a linguagem da autora articula-se conjugando poeticidade à prosa na medida em que abarca crítica social e (re) significação da identidade negra, serão estabelecidos diálogos com outras obras da autora e com os estudos acerca da identidade e da diáspora conforme compreendidas por Tomaz Tadeu da Silva³ e Stuart Hall⁴.

Publicado originalmente em 2006, *Becos da memória*, segundo romance de Conceição Evaristo, narra a desconstrução de uma favela e o impacto desse processo sobre as diversas personagens que povoam e interagem com esse espaço. Desse modo, o romance propicia ao leitor acesso às memórias de forma fragmentada e permite costurar, na tessitura do texto, a trajetória de cada um na medida em que as vozes e as narrativas transmitidas ou lembradas se completam. Por detrás de cada barraco, despertam-se memórias que, quando trançadas pela tessitura da escrita de Conceição Evaristo, formam um panorama das dificuldades e das lutas diárias dessa parcela da população.

¹ DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. IN: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 375-403.

² EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Editora Mulheres, 2013.

³ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁴ HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 24, p.68-75, fev. 1996.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Contemplando os dramas individuais e os coletivos, a autora tece o texto partindo desses retalhos de lembranças. Passado, presente e futuro confundem-se pela troca de experiências entre as personagens, e, desse modo, a memória conduz o leitor a montar o quebra-cabeças de recordações e vivências que constituem o romance.

Becos da memória reafirma a identidade negra, trata da ancestralidade e da importância da continuidade utilizando-se dos dramas vivenciados pelas personagens ao longo das páginas. Tal tratamento dado às personagens evidencia a constituição de uma literatura identificada à condição negra no Brasil, dando relevo a um ponto de vista afro-brasileiro; as dificuldades enfrentadas pelas personagens do romance, seja no presente ou no passado, trazem à tona as lutas diárias dos afrodescendentes no Brasil e estão diretamente ligadas à temática; por último, Conceição Evaristo constrói seu romance com uma voz autoral que denuncia, sem abrir mão da poeticidade, o preconceito e a marginalização sofridos pelo povo negro, evocando, dessa forma, os denominadores elencados por Eduardo de Assis Duarte⁵ como constituintes da literatura afro-brasileira, pontos tratados com mais atenção a seguir.

Literatura afro-brasileira

Sobre a literatura afro-brasileira, Eduardo de Assis Duarte⁶ assevera que, embora seja um termo em construção, essa produção literária consolidada no século XXI, no espaço acadêmico, apresentou as primeiras manifestações com Domingos Caldas Barbosa, no século XVIII, e que, além de produzida nos grandes centros, apareceu na literatura regionalista, como é o caso do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado pela primeira vez em meados do século XIX. Como marcos de sua consolidação há de se considerar a publicação do romance de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*, em 2006, e dos *Cadernos Negros*, publicado a primeira vez em 1978, organizado pelo grupo Quilombhoje e com três décadas de publicação de coletâneas de contos e de poemas. Outro fator considerável para o interesse no estudo da literatura afro-brasileira foi a Lei 10.639/2003, que obriga todas as instituições de ensino, sejam elas oficiais ou não, a introduzir em seus currículos o estudo da cultura e da história afro-brasileiras.

Para o presente estudo de *Becos da memória*, destacam-se três denominadores da literatura afro-brasileira: a temática, a voz autoral e o ponto de vista.

Sobre a temática, Octavio Ianni⁷ assevera que, para ser considerada uma obra de literatura afro-brasileira, é preciso abordar o sujeito afrodescendente como “[...] universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Partindo desse pressuposto, Eduardo de Assis Duarte⁸ atenta para a importância da temática em uma obra, pois significa que ela deverá contemplar o resgate histórico afro-brasileiro, traços culturais e religiosos e os conflitos enfrentados

⁵ DUARTE, 2011, p. 385-400.

⁶ DUARTE, 2011, p. 375-385.

⁷ IANNI, Octávio. “Literatura e consciência”. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 184.

⁸ DUARTE, 2011, p. 385-387.

por esse grupo, seja no passado ou na contemporaneidade, embora não seja necessário abarcar todos os aspectos mencionados.

No romance, destacam-se o resgate histórico e os dramas da contemporaneidade, e algumas referências culturais e religiosas são feitas no decorrer da trama. Pelas memórias de Tio Totó e de outras recordações que retomam o período de escravidão, a autora enfatiza o resgate da história do povo negro, remetendo à questão da diáspora e o anseio pela liberdade. Quanto aos dramas enfrentados na contemporaneidade, Conceição Evaristo traz à tona diversas situações de conflitos vividos dentro e fora da favela. A relação casa-grande e senzala, vivenciada pela proximidade da favela com o bairro rico, é evidenciada pela personagem Ditinha ao transitar por esses espaços e sofrer o apagamento de sua identidade em decorrência da falta de referenciais identitários.

A autora ainda coloca em questão o papel da escola e as lutas contra a opressão. Importante para a construção da identidade dos jovens, a instituição escolar é questionada quando a personagem Maria-Nova estuda a escravidão em sala de aula e não vê uma real postura de problematização do assunto. Sobre a opressão, é Negro-Alfrio, líder por onde passa, quem representa uma voz que se ergue frente ao sistema opressor que insiste em marginalizá-lo em diferentes circunstâncias. Duarte conclui que “[...] a adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em uma interação com outros fatores como a autoria e o ponto de vista”.⁹

Sendo assim, faz-se necessário pensar na voz autoral como importante aspecto na constituição de uma obra afro-brasileira. Acerca da voz autoral, o pesquisador assevera que “[...] A instância da autoria como fundamento para a existência da literatura afro-brasileira decorre da relevância dada à interação entre escrita e experiência [...]”.¹⁰ Nesse sentido, relaciona-se, ao pensar em *Becos da memória*, com o conceito de “escrevivência”, entendido por Conceição Evaristo como “[...] a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”.¹¹ As memórias que emergem da narrativa, assim como a identificação de Maria-Nova com a missão de registrar as histórias vividas e ouvidas, dialogam com a voz autoral na medida em que se revelam representantes que partem do individual e assumem o coletivo. Duarte, ao falar sobre a autoria, atenta que

[...] a inscrição da experiência marcada por obstáculos tem sido uma constante na produção afrodescendente de diversos países. Traços autobiográficos marcam páginas de inúmeros autores do passado e do presente, a entrelaçar a ficção e a poesia com o testemunho [...].¹²

Desse modo, a escrita de Conceição Evaristo abarca, partindo das experiências individuais das personagens e das experiências da autora, o coletivo, conjugando voz autoral e “escrevivência”.

⁹ DUARTE, 2011, p. 387.

¹⁰ DUARTE, 2011, p. 389.

¹¹ EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In. ALEXANDRE, M. A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 20.

¹² DUARTE, 2011, p. 389.

No que diz respeito ao ponto de vista, Eduardo de Assis Duarte afirma que esse denominador “[...] indica a visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação”.¹³ Trata-se, então, de assumir um olhar que fuja dos estereótipos reforçados ao longo da história pelos discursos que tendem a marginalizar tudo o que não se enquadra à norma dominante. Ao organizar seu texto, Conceição Evaristo articula temática, voz autoral e ponto de vista nas personagens e na relação que elas estabelecem com o espaço da favela. Ao propor um olhar da favela que parta de dentro, e não de fora, a autora apresenta personagens complexas que não são vistas e descritas pelas nuances de deslumbramento ou terror advindos do exotismo, mas que se individualizam pelos seus conflitos, pela problematização do espaço em que vivem e pelas memórias que trazem consigo. Sobre as personagens no romance, Valéria Rosito, na resenha “Entre a história e a literatura, os *Becos da memória* dos afrodescendentes”, comenta que

[...] Contradições e heterogeneidade na retratação apurada dos personagens impedem o maniqueísmo fácil e o efeito perverso da eventual estereotipação que alimenta o discurso da vítima. Ao contrário, deparamo-nos com a coexistência de misérias e grandezas, normalmente sem entrada nos noticiários ou na escrita hegemônica [...].¹⁴

As memórias, narrativas despertadas em cada barraco em face do processo de destruição da favela, partem de dentro como reação à ameaça que vem de fora. Esse modo de narrar a resistência ao invasor pela preservação da memória dos moradores do lugar pode ser visto como uma metáfora da própria literatura afro-brasileira, entendida aqui tanto como obra de arte quanto reação à tentativa de apagamento da voz e da identidade negra.

A memória na prosa de Conceição Evaristo

Em *Becos da memória*, as memórias fragmentadas fazem parte de uma narrativa que preza pelo tempo psicológico e pelos movimentos de idas e vindas proporcionados pelo acesso às recordações dispersas das personagens que povoam a favela. Embora haja uma ordem cronológica quando a narrativa volta-se para a destruição da favela as memórias evocadas não seguem uma ordem, são recortes trançados que compõem a história do lugar.

Recorrente na produção de Conceição Evaristo, a memória como fio condutor da narrativa desperta atenção por ser um artifício literário que une forma e conteúdo para tratar de questões referentes à identidade, à hereditariedade e ao resgate da história do povo negro. Em *Ponciá Vicêncio*¹⁵, primeiro romance publicado da autora, e no conto “Olhos d’água” (2010), a memória surge como elo das personagens com o seu passado e como meio de resgate e reafirmação identitários.

¹³ DUARTE, 2011, p. 391.

¹⁴ ROSITO, Valéria. Entre a história e a literatura, os *Becos da memória* dos afrodescendentes. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 12, p. 219-223, 2007, p. 220.

¹⁵ EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

Sobre a relação da memória em *Ponciá Vicêncio* e em *Becos da memória*, Aline Alves Arruda, em seu artigo “*Ponciá Vicêncio e Becos da memória: memória e olhar coletivo na prosa afro-brasileira*”, assevera que

A memória é fator importante na construção dos romances de Conceição Evaristo. Da primeira à última página, a memória conduz os pensamentos da protagonista Ponciá, de Maria Nova e dos outros personagens, além de guiar a vivência deles, tão representativa daquela de seus antepassados.¹⁶

Para a pesquisadora, a memória é o fio condutor da narrativa que permite o olhar para o coletivo e o resgate do passado ao mesmo tempo em que comporta livrar o sujeito do esquecimento em que a sociedade brasileira insiste em colocar o afrodescendente.

No artigo “Uma jornada pelos *Becos da memória*, de Conceição Evaristo”, Eliane T. A. Campello aborda a memória partindo da importância do título da obra. Para a pesquisadora, pode-se visualizar uma “[...] trança temática entre subjetividade, ideologia, identidade, resistência e memória individual e coletiva”.¹⁷ Com base nessas considerações, a autora retoma, em sua pesquisa, a relação entre resistência e identidade, e destaca a importância da voz autoral e do espaço para a escrita afro-brasileira.¹⁸

Memória e identidade

Em um “entre-lugar” cultural, Conceição Evaristo tem a oportunidade de, pela sua escrita, construir uma nova identidade do povo negro. Acerca da produção literária dos “entre-lugares”, Bhabha diz que os “*entre-lugares* fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação [...] que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.¹⁹ Desse modo, o romance estudado permite, pelas personagens e suas vivências, problematizar o lugar do negro na sociedade questionando os modelos de identidades fixados pela tradição.

No que diz respeito à relação da memória e identidade, é necessário compreender que a memória permite o resgate histórico e cultural, que tende a se perder quando há um discurso dominante ou em situações diaspóricas, e é, a partir da memória, que se pode iniciar o que Bhabha propõe como a criação de novos signos de identidade, ou seja, signos identitários que contestem a

¹⁶ ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio e Becos da memória: memória e olhar coletivo na prosa afro-brasileira*. In: *Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 17-b, p. 77-84, dez. 2009, p. 79.

¹⁷ CAMPELLO, Eliane Terezinha do Amaral. Uma jornada pelos *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. Disponível em: < http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/eliane_campello.pdf> Acesso em: 15 mar. 2015, p. 846.

¹⁸ Destacam-se os seguintes textos que tratam da memória na produção de Conceição Evaristo: o posfácio do livro *Becos da memória* (2013), “Costurando uma colcha de memórias” (EVARISTO, 2013), nele, Maria Nazareth Soares Fonseca parte do estudo das memórias fragmentadas a partir de contrapontos para ressaltar a importância das experiências transmitidas pelas palavras vivas que circulam pela favela. Retoma o narrador benjaminiano para elucidar a relação memória/experiência no romance. E em “Um tempo represado e cheio de conteúdo: memória e poética em Conceição Evaristo” (2011), Luciane Nunes da Silva aborda a memória na produção poética da autora.

¹⁹ BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 20.

normalização. Tendo em vista que a diáspora negra leva ao questionamento de ideias fixas de identidade, de diferença e de pertencimento²⁰, deve-se pensar nas identidades sujeitas a constantes mudanças. Ao serem tirados à força de seu espaço — físico, social, cultural, religioso —, trazidos como escravos, obrigados a integrarem de forma marginal a sociedade que apenas os exploravam, os negros sofreram inúmeras tentativas de serem silenciados durante e após a escravidão. Ao entrarem em contato com uma nova sociedade, tiveram de buscar outras formas de expressarem a identidade, pois, conforme aponta Stuart Hall,

Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse “conhecimento”, não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a con-formação subjetiva à norma. [...] A expropriação íntima da identidade cultural deforma e leva à invalidez.

[...] Na história do mundo moderno, há poucas experiências mais traumáticas do que essas separações forçadas da África [...]. Os escravos [...] eram de diferentes países, comunidades tribais, aldeias, tinham diferentes línguas e deuses.²¹

Para o autor, as identidades não são fixas, estão sujeitas às mudanças, no processo que ele define como tradução cultural. Esse

[...] conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram **dispersadas** para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. [...] Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas. (ênfase no original)²²

Nesse aspecto, retoma-se a relação da memória com a formação identitária. Paraguassu de Fátima Rocha, em “O discurso da memória e a identidade feminina na literatura afro-brasileira”, analisa, partindo de Stuart Hall, Elisa Larkin do Nascimento e Maurice Halbwachs, a importância do resgate histórico por meio das memórias individuais e coletivas em romances de escritoras afro-brasileiras, dentre eles, *Becos da memória* de Conceição Evaristo. A autora afirma que a memória e o resgate histórico são estratégias que permitem reafirmar a identidade feminina negra.²³

Com base nas considerações de Paraguassu de Fátima Rocha, pode-se pensar na construção de uma nova representação da identidade negra em *Becos da memória*. Conceição Evaristo, ao partir de um ponto de vista ligado à “escrivivência”, reclama, para as suas personagens, e para a população negra, o protagonismo que lhes foi tirado pelo processo de normalização. Considerando que as identidades são dependentes de representação e que eleger uma determinada identidade como norma é tratar as demais como marginais ao que foi eleito — eleger-se uma identidade como norma, e, às demais, delega-se o posto de diferença, como se as identidades fossem fixas, estagnadas —, e que o processo de normalização tende a apagar todas as identidades enquadradas como “diferenças”, como afirma Tomaz Tadeu da Silva, a memória permite o resgate

²⁰ HALL, 2006, p. 28.

²¹ HALL, 1996, p. 70.

²² HALL, 2003, p. 88-89.

²³ ROCHA, Paraguassu de Fátima. O discurso da memória e a identidade feminina na literatura afro-brasileira. *Entrelinhas*, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 54-61 jan./jun. 2011.

da identidade silenciada ao longo dos séculos por um discurso branco e dá voz a um novo discurso que contemple essas vozes colocadas à margem até então.²⁴ Nesse sentido, memória e identidade não podem ser dissociadas.

Parte-se para o estudo do romance tendo como interesse as relações que as personagens estabelecem com o espaço, com a memória e com a dialética da identidade/alteridade.

As vivências nos *Becos da memória*

Narrativa marcada pelo sopro poético, *Becos da memória* reafirma a identidade negra sem abrir mão do tratamento estético à forma. Pretende-se, partindo dos fragmentos selecionados, compreender como a autora conjuga, em sua escrita, poeticidade e a problematização de questões referentes à construção de uma nova identidade negra no Brasil. Entende-se aqui, por poeticidade, a definição de Octavio Paz, para quem a palavra poética é ritmo, cor, significado e imagem, compreendendo por imagem os sentidos e as múltiplas possibilidades de sentidos despertados no leitor pela organização do texto ao destacar, subverter ou evidenciar elementos da prosa²⁵. Para o autor, o poético repousa na linguagem que transcende a insuficiência da própria linguagem para suscitar sentidos.

Tio Totó: memória e ancestralidade

Personagem de destaque na narrativa, Tio Totó revive suas memórias e, por meio delas, mantém-se ligado ao seu passado. Uma das primeiras recordações da personagem refere-se à trajetória que percorre ao abandonar a fazenda em que vivia e trabalhava por conta da venda da propriedade e, nesse percurso, ao ter de atravessar um rio, perde a esposa e a filha. A passagem remonta simbolicamente à situação diaspórica dos escravizados e seus descendentes. Tio Totó encontra-se, do outro lado, sozinho e sem os poucos pertences que carregava consigo:

O rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão.

Totó alcançou a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá.

[...]

Totó chegou são, salvo e sozinha na outra banda do rio. Chegou nu das pessoas e das poucas coisas que tinha adquirido. Onde estavam Miquilina e Catita? Não! Não podia ser... Será que elas... Não! Será que o rio tinha bebido as duas?

O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras, paus, barrancos, casas, bichos, gente e gente e gente...

O rio, como a vida, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar os olhos, deixar de vigiar a gente um tiquinho só e o rio vinha bebendo, engolindo tudo. (ênfase acrescentada).²⁶

A solidão de Totó, ao alcançar o outro lado do rio, evidencia a condição de necessidade de referência do indivíduo, remetendo simbolicamente para a situação dos escravizados, tirados à força de sua terra-natal e levados para longe de suas raízes. Agregando poeticidade à prosa, no fragmento

²⁴ SILVA, 2005, p. 81-83.

²⁵ PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Ari Roitman; Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 31.

²⁶ EVARISTO, 2013, p. 35-44,

acima, Conceição Evaristo utiliza-se das figuras polissíndeto e assíndeto, consecutivamente, para despertar no leitor, de forma gradativa, a noção das perdas que sofre a personagem. Destaca-se também a sonoridade despertada pela repetição “e gente”, que tanto evoca a ideia do movimento do rio na cheia, como remete ao som do vocábulo “enchente”.

Tio Totó perdeu a família e os pertences no trânsito para um novo espaço e o rio, colocado como a vida a tirar-lhe tudo, aparece metaforicamente como o atlântico negro. Ele não pode mais voltar para as terras de onde saíra, pois não há lá sua família, e a sua frente precisará buscar um novo lugar para fixar-se e reconhecer-se como indivíduo.

Para Stuart Hall, o

[...] conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora.²⁷

Na outra banda do rio, a personagem precisa seguir em frente e reiniciar a sua vida. Pensando na travessia como referência ao deslocamento dos povos negros escravizados, Tio Totó, representante dessa parcela da população, precisa se redefinir, perdeu a esposa e a filha e as poucas coisas que trazia, e será na tentativa de se definir como sujeito que Tio Totó formará outra família.

Mesmo reconstruindo sua vida, as lembranças permanecem estabelecendo um elo com o passado, sendo ele familiar ou referente a uma terra que não conheceu, acolhedora e distante da realidade marcada pela desigualdade e pelas perdas em que se encontra. Em um diálogo com Maria-Velha, Tio Totó refere-se à vida da seguinte forma:

Maria-Velha, dizem uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo, que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... [...].²⁸

A enumeração do que ficara no rio e o contraponto criado entre o homem solitário em uma banda e tudo o que perdeu enfatizam a solidão na qual se encontra a personagem. A rememoração de Tio Totó dialoga com sua condição, pois, para Hall, a experiência diaspórica pode ser definida como “[...] longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada”.²⁹ Assim, as memórias de Tio Totó partem do individual, suas perdas, para o coletivo, memória de África compartilhada pelo coletivo dos indivíduos que sofreram com a diáspora negra.

Quando velho e pressentindo a morte, Tio Totó verá, no processo de demolição da favela em que vive, repetir-se a retirada do espaço onde se constituiu. Personagem em trânsito constante, Tio Totó está sempre a ter algo tirado e, somente na memória, consegue resgatar tudo o que perdeu, funcionando metaforicamente como a memória no processo de resistência do povo negro.

²⁷ HALL, 2006, p. 33.

²⁸ EVARISTO, 2013, p. 45.

²⁹ HALL, 2003, p. 415.

Ditinha: espelho e identidade

O espelho como representação da identidade e da fragmentação do “eu” aparece em *Becos da memória* por meio da personagem Ditinha, empregada doméstica que vivencia o contraste entre a favela em que vive e o bairro rico, onde diversas mulheres ganham a vida. O apagamento do “eu” frente ao espelho também está presente em *Ponciá Vicêncio*, na obra, a personagem título, marcada pelo sofrimento de estar em uma posição de marginalidade na metrópole contemporânea e pelas sucessivas perdas, grita seu nome frente ao espelho até concluir que deveria ser chamada de “nada” e recorda-se que na infância sofria ao gritar o seu próprio nome ao encarar seu reflexo diante do rio. Da mesma forma, Ditinha questiona a própria beleza e vê nas joias um símbolo do abismo social que a separa da patroa:

Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia. “E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar meus cabelos? (**Ditinha detestava o cabelo dela**). Mesmo assim eu não assentaria com essas joias”. Olhou novamente as joias. Brilhavam, brilhavam. Chegou perto da caixa com as mãos para trás. Havia uma pedra verde tão bonita, tão suave, que até parecia macia. “Mãos para trás”, pensou, “a gente vê, com os olhos, não com as mãos. Também se eu tivesse uma joia dessas, onde é que eu iria? Só saio para trabalhar, ir à missa, às rezas, aos festivais de bola e às festas da favela. Como e onde eu usaria essas joias Claro que se eu tivesse joias, eu seria rica como D. Laura, eu não seria eu”, riu de si mesma. Quis tocar nas joias um pouquinho. Teve medo, recuou. (ênfase acrescentada)³⁰

O adjetivo com o qual a personagem qualifica-se “feia”, enfatizado pelo advérbio de intensidade “tão”, evidencia a posição de rebaixamento em que ela se coloca. O cabelo, visto pela personagem como elemento depreciativo, é de grande importância para reafirmação da beleza negra. Sobre a ressignificação dos traços negros, Zila Bernd aponta para a perspectiva de revisitar tais traços elevando-os a símbolos, propiciando uma nova significação. “Ao enumerar as características físicas (carapinha, pixaim, lábios grossos, cor da pele, etc.), o poeta inverte sua simbologia, elevando à categoria de símbolos positivos o que antes estivera carregado de conotações negativas”.³¹ Sendo assim, no momento em que Ditinha enxerga seus cabelos como traços negativos que reforçam a inferioridade dela frente à patroa, a voz autoral utiliza-se dessa visão para expressar o oposto, pois é por meio do olhar da personagem e o apagamento pela qual passa que se dá a crítica social aos padrões de beleza pré-estabelecidos por uma normalização “branca”.

Em outro momento, Ditinha enaltece a beleza da patroa, D. Laura, e mais uma vez faz-se presente o distanciamento entre as duas:

[...] Ditinha olhou para a patroa e sentiu o ar de aprovação no rosto dela. Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias. **Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha**. Olhando e admirando a beleza de D. Laura, Ditinha se sentiu mais feia ainda. Baixou os olhos envergonhada de si mesma. (ênfase acrescentada)³²

³⁰ EVARISTO, 2013, p. 139-140.

³¹ BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 88.

³² EVARISTO, 2013, p. 141.

A fragmentação da identidade de Ditinha dá-se, em ambos os excertos, pela posição de inferioridade na qual personagem se vê. A normalização que enaltece uma determinada identidade e apaga as que não se enquadram no padrão estabelecido leva Ditinha a não se reconhecer como bela. A ausência de personagens negras que fujam dos estereótipos causa um apagamento de referenciais de identidade para os indivíduos negros. O “eu” se constrói a partir da relação com o outro, definir aquilo que “eu sou” é definir tudo o que abarca o que “eu não sou”. Na dialética da identidade/alteridade, o indivíduo se constitui da maneira que se enxerga e que acredita ser visto.

[...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de **uma falta** de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso **exterior**, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por **outros**. (ênfase no original)³³

Considerando que a construção da identidade depende da representação, pode-se compreender que, tanto no encontro com o espelho quanto em frente à patroa, Ditinha enxerga-se do modo que acredita ser vista pelo outro, por aquele que está fora. A ausência de representação da identidade negra, que fuja do estereótipo, e o lugar marginalizado em que se encontra no jogo das identidades frente à norma – mulher, negra, pobre -, fazem com que a personagem se enxergue em posição de inferioridade.

Ditinha então rouba a pedra que simboliza a suposta superioridade da patroa e o abismo que há entre as duas. “Vetada duplamente à totalidade do *ser* – não pode ser D. Laura e não deve ser ela mesma [...]”³⁴, cabe à personagem roubar o broche. Atitude da qual a personagem se arrepende assim que retorna para casa, e deixa a pedra afundar na fossa de seu barraco. Durante toda a passagem que se segue, Conceição Evaristo joga com a polissemia do vocábulo “merda”, ora para designar os excrementos que a personagem enxerga no fundo da fossa, ora para referir-se ao roubo, atitude impensada. A culpa é tão grande que o broche roubado e trazido do lado de dentro do sutiã causa uma ferida no peito da personagem³⁵. Pela primeira vez, ela passa a sentir medo. A ferida no peito, a humilhação por ser levada pela polícia e a culpa que sente pelo impacto de sua atitude na vida dos filhos fazem com que a personagem reitere a todo o momento a ideia de “merda”. Para elucidar como a autora se utiliza da linguagem para reforçar o sentimento de culpa e humilhação pela qual passa a personagem, seguem diferentes momentos: “O cheiro da fossa, a merda que ela havia feito!”³⁶; “Quando lhe perguntaram se ela tinha roubado a pedra e o que fizera com ela [...], Ditinha, entre o medo e o ódio gritou. — Merda! Merda! Eu joguei a pedra na merda, já que querem saber”³⁷; “Não se soube se acharam a joia ou não. Levaram Ditinha com eles. No peito de Beto, o mais velho, o ódio crescia. Merda! Merda! Merda!”³⁸. Ao trabalhar com as diferentes aplicações do vocábulo “merda”, agrega-se poeticidade à passagem, confrontando os modelos poéticos fixados pela tradição por se utilizar de um elemento escatológico.

³³ HALL, 2003, p. 39.

³⁴ ROSITO, 2008, p. 221.

³⁵ No artigo intitulado “Sobre favelas e musseques”, Simone Pereira Schmidt (2010), ao analisar a passagem do roubo da joia, interpreta o ferimento como mortificação da própria carne tal qual em um ritual religioso de expiação da culpa.

³⁶ EVARISTO, 2013, p. 172.

³⁷ EVARISTO, 2013, p. 174.

³⁸ EVARISTO, 2013, p. 175-176.

A autora problematiza o espaço do negro na sociedade, o apagamento gerado pelo discurso dominante e quais os desdobramentos podem ser ocasionados pela marginalização dos indivíduos.

Maria-Nova: continuidade e narração

Na trajetória de Maria-Nova, Conceição Evaristo aborda a temática da continuidade, também presente em *Ponciá Vicêncio* e no conto “Olhos d’água”³⁹. Ao ouvir as histórias dos demais moradores da favela onde vive, Maria-Nova vivencia as dores de quem as narra e desse modo se sente na obrigação de transmitir o que ouve. Bondade, morador benquisto por todos, é uma das personagens fornecedoras de novas histórias à Maria-Nova, como aponta o fragmento a seguir:

Maria-Nova ouvia a história que bondade contava e, por mais que quisesse conter a emoção, não conseguia. Hora houve em que ele percebeu e se calou um pouco. Calou-se também com um nó na garganta, pois sabido é que Bondade vivia intensamente cada história que narrava e, Maria-Nova, cada história que escutava. Ambos estão com o peito sangrando. Ele sente remorsos de já ter contado tantas tristezas para Maria-Nova. Mas, a menina é do tipo que gosta de por o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito. Na ferida que herdou de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó, do Louco Luisão da Serra, da avó mansa, que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que tinha visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que nunca vivera. Entretanto o que doía em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito.⁴⁰

Destacam-se alguns pontos abordados no excerto acima: a ligação de Maria-Nova com o seu passado, a forma como a narrativa evidencia a personagem colocando-a como continuidade dos seus ancestrais em uma realidade que se repete e a relação narrador-ouvinte que se estabelece entre Maria-Nova e Bondade.

Sobre a ancestralidade e a continuidade, Maria-Nova é colocada como eco de seus antepassados pela condição de vida que se repete, reforçada pelos termos “oprimidos” e “miseráveis” e pelo “banzo”, doença de seu bisavô, da mesma forma que Ponciá herda a “loucura” de seu avô em *Ponciá Vicêncio*. O banzo, conforme traz o Mini Dicionário Aurélio, diz respeito à “Nostalgia mortal dos negros que eram escravizados e exilados de suas terras”.⁴¹ Ao buscar a origem do termo, Ana Maria Galdini Raimundo Oda⁴², após traçar diversos caminhos — que vão desde os tratados médicos acerca da nostalgia e da melancolia na Europa no século XVII até sua primeira inserção em um dicionário com sentido de “mortal nostalgia dos escravos africanos transportados para o Brasil”, na segunda metade do século XIX —, conclui que

³⁹ EVARISTO, Conceição. “Olhos d’água”. In. Pallas Editora (Org.). *Contos do mar sem fim: antologia afro-brasileira*. RIO DE JANEIRO: Pallas, 2010.

⁴⁰ EVARISTO, 2013, p. 90-91.

⁴¹ BANZO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2003, p. 92.

⁴² ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil. *Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, dezembro 2008.

O banzo tem sempre uma dupla posição: ele é uma entidade clínica, uma variação da nostalgia nos trópicos, associada a outras enfermidades dos negros; entretanto, sua descrição não pode ser dissociada dos debates sobre o futuro de um país mestiço marcado pelo cativo negro, ou ainda pelas incertezas decorrentes da possibilidade de extinção do regime escravista em um vasto império agrícola.⁴³

Nesse sentido, pode-se afirmar que o termo está ligado a afro-brasilidade por remeter à diáspora negra. Ao evocar o passado histórico, presentifica-o. Em consonância com a definição de Eduardo de Assis Duarte de linguagem afro-brasileira como fator constituinte da diferença cultural no texto, tornando visível, por meio do vocabulário, a presença de uma afro-brasilidade,⁴⁴ o banzo, que na narrativa aparece como marca de hereditariedade entre Maria-Nova e seus antepassados, reitera uma linguagem ligada a afrodescendência.

No que se refere à relação narrador-ouvinte, parte-se de Walter Benjamin e suas considerações acerca do narrador para compreender a importância do ato de narrar para as personagens. Para o autor, o narrar está ligado à experiência, ele aponta que o “[...] narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.⁴⁵ Desse modo, Bondade transmite histórias, vividas por ele ou não, à Maria-Nova a partir das vivências da garota. Esse compartilhamento está calcado na relação que se estabelece entre o narrador e o ouvinte, para quem “[...] o importante é assegurar a possibilidade da transmissão. A memória é a faculdade épica por excelência”.⁴⁶

Maria-Nova permite a continuidade da narração de Bondade, das memórias presentes nos becos da favela, principalmente por se comprometer em um dia escrever tudo o que ouviu. As memórias da menina fundem-se às memórias que escuta e vivencia, permitindo transmiti-las para as próximas gerações no ato da escrita. Sobre a importância da memória, Benjamin afirma que a “*rememoração* funda a cadeia da tradição, que transmite acontecimentos de geração para geração”.⁴⁷ Conclui-se, portanto, que Maria-Nova é o elo que permite a continuidade do passado e a transmissão, no futuro, das histórias e vivências de seu povo.

Conceição Evaristo apresenta o desenvolvimento da personagem de forma lírica:

Maria-Nova **crescia**. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova **lia**. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! **Queria saber o que** era a vida. **Queria saber o que** havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. (ênfase acrescentada)⁴⁸

Para enfatizar o movimento do tempo sobre Maria-Nova, a autora utiliza o eco (crescia/lia), e, para reforçar o anseio da personagem pela vida e pelas histórias, a anáfora. A

⁴³ ODA, 2008, p. 756.

⁴⁴ DUARDE, 2011, p. 394.

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 217.

⁴⁶ BENJAMIN, 2012, p. 227.

⁴⁷ BENJAMIN, 2012, p. 228.

⁴⁸ EVARISTO, 2013, p. 50.

repetição do verbo *querer* intensifica os anseios da menina em buscar saber mais sobre a vida e as histórias de seu povo. Crescimento e narração estão imbricados na vida da personagem, a voz narrativa não dissocia as duas instâncias, pois, para Maria-Nova, ler é crescer e ouvir é amadurecer.

Considerações finais

Objetivou-se, por meio do estudo do texto de Conceição Evaristo, identificar como a autora incorpora poeticidade e problematiza o espaço do afro-brasileiro em uma sociedade que ainda o marginaliza. Fugindo dos estereótipos discriminatórios, a autora constrói uma nova identidade do povo negro em *Becos da memória*. A ancestralidade, as lutas, as vivências e as experiências de suas personagens possibilitam, sem deixar de lado o tratamento estético do discurso narrativo, uma representação do negro que permita o reconhecimento dessa parcela da população. As memórias entrelaçadas dessas personagens tecem um panorama de uma realidade cruel evitando a vitimização, pelo contrário, as personagens de Conceição Evaristo, assim como Maria-Nova, não brincam com a vida da mesma forma que a vida não brinca com elas.

No que diz respeito ao tratamento estético, o lirismo, incorporado pelo uso de figuras de linguagem e pelas imagens evocadas, enriquece a narrativa na medida em que permite ao texto literário tocar em assuntos delicados (fome, violência doméstica, preconceito, desigualdade social) sem soar panfletário.

Referências

ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio e Becos da memória: memória e olhar coletivo na prosa afro-brasileira*. In: *Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 17-b, p. 77-84, dez. 2009.

BANZO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2003, p. 92.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAMPELLO, Eliane Terezinha do Amaral. Uma jornada pelos *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. Disponível em: <http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/eliane_campello.pdf> Acesso em: 15 mar. 2015.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; DUARTE, Eduardo de Assis. “Conceição Evaristo”. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 207-226.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. IN: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 375-403.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. Olhos d’água. In: Pallas Editora (Org.). *Contos do mar sem fim: antologia afro-brasileira*. RIO DE JANEIRO: Pallas, 2010.

_____. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Editora Mulheres, 2013.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 24, p.68-75, fev. 1996.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 183-198.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil. *Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, dezembro 2008.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Ari Roitman; Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ROCHA, Paraguassu de Fátima. O discurso da memória e a identidade feminina na literatura afro-brasileira. *Entrelinhas*, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 54-61 jan./jun. 2011.

ROSITO, Valéria. Entre a história e a literatura, os *Becos da memória* dos afrodescendentes. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 12, p. 219-223, 2007.

SCHMIDT, Simone Pereira. Sobre favelas e musseques. *IPOTESI*, Juiz de Fora v. 14, n. 2, p. 207–214, jul./dez. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In:_____. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Luciane Nunes. Um tempo represado e cheio de conteúdo: memória e poética em Conceição Evaristo. In: *XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Brasília, DF, 2011.